

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**

**FACULDADE DE LETRAS**

**CURSO DE LETRAS LIBRAS**

**ANA CLÁUDIA LUCIANI DE MELO NASCIMENTO PINTO**

**As contribuições do visual vernacular para o refinamento das produções literárias em LIBRAS**

**Maceió**

**2023**

**ANA CLÁUDIA LUCIANI DE MELO NASCIMENTO PINTO**

**As contribuições do visual vernacular para o refinamento das produções literárias em LIBRAS**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito para o grau de licenciado em Letras Libras  
da Faculdade de Letras da Universidade Federal de  
Alagoas/Campus A.C Simões orientado pela  
Professora Mestra Joseane dos Santos do Espírito  
Santo.**

**Maceió  
2023**

**Catálogo na Fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

P659c Pinto, Ana Cláudia Luciani de Melo Nascimento.

As contribuições do visual vernacular para o refinamento das produções literárias em LIBRAS / Ana Cláudia Luciani de Melo Nascimento Pinto. – 2023.

47 f. : il.

Orientadora: Joseane dos Santos do Espírito Santo.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Libras) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2023.

Bibliografia. f. 45-47.

1. Língua de sinais. 2. Visual vernacular. 3. Surdos - Literatura. I. Título.

CDU: 81'221.24:82

ANA CLAUDIA LUCIANI DE MELO NASCIMENTO PINTO

**As contribuições do visual vernacular para o refinamento das produções literárias em LIBRAS**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para o grau de licenciado em Letras Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas/Campus A.C Simões orientado pela Professora Mestra Joseane dos Santos do Espírito Santo.**

**Aprovado em 10 de outubro de 2023.**

---

**Profa. Ma. Joseane dos Santos do Espírito Santo**  
**Orientadora**

---

**Prof. Ms. Cristiano José Monteiro**  
**UFPE/*campus* Recife**

---

**Profa. Ma. Rafaela Hoebel**  
**UNINTER**

---

**Prof. Dr. Humberto Meira**  
**UFAL/*campus* A C Simões**

Dedico este trabalho aos meus pais Valéria Luciani e José Maurício pelo apoio incondicional;

A minha Sogra Rita Maria pelo suporte diário;

Ao meu esposo Charridy Max pela paciência, cumplicidade e pelo amor incondicional;

As minhas filhas Ana Clara e Scarlett O'hara e ao meu filho Natan Max por serem mais uma razão do meu viver;

Agradeço a Deus pela oportunidade;

Aos professores e professoras do Letras Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de  
Alagoas/*campus* A C Simões pelos ensinamentos e

a Professora Mestra Joseane dos Santos do Espírito Santo por ter aceito este desafio.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo descrever a nova modalidade de expressão em classificadores denominada de *visual vernacular*. Utilizando-se de recursos cênicos e tecnológicos, o visual vernacular tem-se mostrado altamente eficaz como uma nova forma de expressão em língua de sinais. Recorremos a autores como Quadros (2004), Martins & Cainelli (2015), Carneiro (2016) dentre outros. A pesquisa é de base qualitativa de investigação explicativa e metodológica (BARESI, 2003). Para tanto, foram analisados de escolha aleatória três vídeos disponíveis no youtube produzidos por surdos de diferentes lugares e de diferentes línguas de sinais. A pesquisa objetiva encontrar padrões de produção que possam afirmar o refinamento das narrativas em LIBRAS. A pesquisa revelou que o visual vernacular se consagra como um novo estilo narrativo em língua de sinais.

Palavras-chaves: língua de sinais; visual vernacular; literatura surda

## **ABSTRACT**

The present work aims to describe the new modality of expression in classifiers called visual vernacular. Using scenic and technological resources, vernacular visuals have proven to be highly effective as a new form of expression in sign language. We used authors such as Quadros (2004), Martins & Cainelli (2015), Carneiro (2016) among others. The research is based on qualitative explanatory and methodological research (BARESI, 2003). To this end, three videos available on YouTube produced by deaf people from different places and from different sign languages were analyzed at random. The research aims to find production patterns that can affirm the refinement of narratives in LIBRAS. The research revealed that the vernacular visual is established as a new narrative style in sign language.

Keywords: sign language; visual vernacular; deaf literature

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1 - AS CONFIGURAÇÕES DE MÃO</b>	<b>12</b>
<b>FIGURA 2 - A CINDERELA SURDA</b>	<b>20</b>
<b>FIGURA 3 - RAPUNZEL SURDA</b>	<b>21</b>
<b>FIGURA 4 - PATINHO SURDO</b>	<b>21</b>
<b>FIGURA 5 - FERRO DE PASSAR</b>	<b>23</b>
<b>FIGURA 6 - NADAR</b>	<b>25</b>
<b>FIGURA 7 - FLOR</b>	<b>25</b>
<b>FIGURA 8 - RESPIRAR</b>	<b>25</b>
<b>FIGURA 9 - SE ENCONTRAR</b>	<b>26</b>
<b>FIGURA 10 - SOZINHO</b>	<b>26</b>
<b>FIGURA 11 - PATINHO</b>	<b>27</b>
<b>FIGURA 12 - NEUTRALIDADE</b>	<b>32</b>
<b>FIGURA 13 - EXPRESSÃO FACIAL E OLHAR</b>	<b>33</b>
<b>FIGURA 14 - MOVIMENTO ACELERADO (FRAMES) PARA O SOL</b>	<b>34</b>
<b>FIGURA 15 - MOVIMENTO ACELERADO (FRAMES) PARA A ÁRVORE</b>	<b>34</b>
<b>FIGURA 16 - A BORBOLETA</b>	<b>36</b>
<b>FIGURA 17 - O VOO DA BORBOLETA</b>	<b>36</b>
<b>FIGURA 18 - O COWBOY</b>	<b>38</b>
<b>FIGURA 19 - O GARÇON</b>	<b>39</b>
<b>FIGURA 20 - A MOÇA</b>	<b>39</b>
<b>FIGURA 21 - O COPO (1)</b>	<b>40</b>
<b>FIGURA 22 - O COPO (2)</b>	<b>40</b>
<b>FIGURA 23 - O COPO</b>	<b>41</b>
<b>FIGURA 24 - O VEADO</b>	<b>42</b>
<b>FIGURA 25 - A ONÇA</b>	<b>43</b>
<b>FIGURA 26 - REDUÇÃO DE ZOOM COM MUDANÇA DE ENQUADRAMENTO</b>	<b>44</b>

## Sumário

<b>Introdução</b>	<b>10</b>
<b>1. A língua de sinais</b>	<b>11</b>
1.1 Considerações linguísticas	11
<b>2. Literatura</b>	<b>17</b>
2.1 A literatura Surda	19
<b>3. Visual Vernacular</b>	<b>22</b>
3.1 os classificadores: o primeiro estágio do visual vernacular	22
3.2 o visual vernacular	27
<b>4 Caminhos Metodológicos</b>	<b>29</b>
4.1 da metodologia	29
4.2 da coleta de dados	30
4.3 dos vídeos	30
4.4 dos registros em escrita de sinais	31
<b>5 Análise dos Dados</b>	<b>31</b>
5.1 O visual vernacular Catterpillar	31
5.1.1 O sinalizador (expressões faciais,e corporais)	32
5.1.2 A velocidade do movimento	33
5.1.3 Mudança de personagem	34
5.1.4 Zoom	35
5.1.5 Cor	35
5.2 Western	37
5.2.1 Sinalizador	37
5.2.2 Mudança de personagem	38
5.2.3 Cor	40
5.2.4 Velocidade	40
5.2.5 Zoom	41
5.3 Veado e a Onça	41
5.3.1 O sinalizador	42
5.3.2 Mudança de personagem	42
5.3.3 Cor	43
5.3.4 Velocidade	43
5.3.5 Zoom	43
<b>6 primeiras considerações</b>	<b>44</b>
<b>Referência bibliográfica</b>	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do visual vernacular mudou a maneira como os surdos vêm produzindo suas narrativas em línguas de sinais pelo mundo. Isso evidencia a alta produtividade e o aprimoramento da performance surda no fazer literário dos sujeitos surdos.

Idealizado por Bernard Bragg, artista surdo, produziu o primeiro visual vernacular quando publicou o vídeo *A águia e o esquilo* (1970). Utilizando-se de técnicas cinéticas visuais, aliada a três aspectos cinematográficos como ângulos, *shot* (tomada) e edição, Bragg demonstrou a capacidade das expressões imagéticas cinematográficas dentro das narrativas em Libras através do uso das artes visual e espacial.

A partir de então, o visual vernacular foi tomando espaço nas comunidades surdas espalhadas pelo mundo possibilitando ao sujeito surdo potencializar seus talentos através de uma arte que usa como elemento principal os classificadores.

Diante disto, esta pesquisa tem por objetivo descrever as expressões narrativas em libras que faz uso do visual vernacular em três diferentes tipos de línguas de sinais por diferentes sinalizantes a fim de encontrar um padrão de produção.

Este trabalho se justifica pelo fato dos estudos em visual vernacular ainda serem incipientes, carentes de mais aprofundamento e descrição considerando que tais produções servem de recursos para ensino de língua de sinais, para registros literários, para o empoderamento surdo, para o firmamento da identidade surda dentre outros.

Para tanto, buscamos o aporte teórico dos estudos linguísticos em línguas de sinais, dos estudos literários bem como os estudos recentes em visual vernacular. Aqui podemos citar Quadros e Sutton-Spencer (2006), Martins (2022) e Pereira (2021) dentre outros.

Utilizando-se de uma metodologia de base qualitativa, a análise dos dados se deu a partir de uma compreensão subjetiva dos dados observando os fenômenos dentro de um local, de uma cultura.

Assim, a pesquisa confirma o caráter altamente produtivo de um recurso literário que veio para refinar as produções literárias em língua de sinais como algo inovador para a época.

## 1. A Língua Brasileira de Sinais

### 1.1 Considerações linguísticas

A língua brasileira de sinais, doravante Libras, é a língua de sinais utilizada pelas pessoas surdas no Brasil. Seu *status* linguístico surge com as pesquisas linguísticas em Língua de Sinais Americana (ASL) realizada pelo linguista estadunidense William Stokoe na década de 60.

A partir de análises fonológicas e morfológicas, Stokoe (1960) pode comprovar que a língua de sinais americana possuía um sistema linguístico estruturado, uma gramática organizada. Seu feito, reconhecido mundialmente, o fez ser considerado o pai da linguística das línguas de sinais.

Sua pesquisa impulsionou linguistas a pesquisarem as línguas de sinais de seus países, expandindo e direcionando novos rumos à linguística que até então estava voltada para as línguas de modalidade oral.

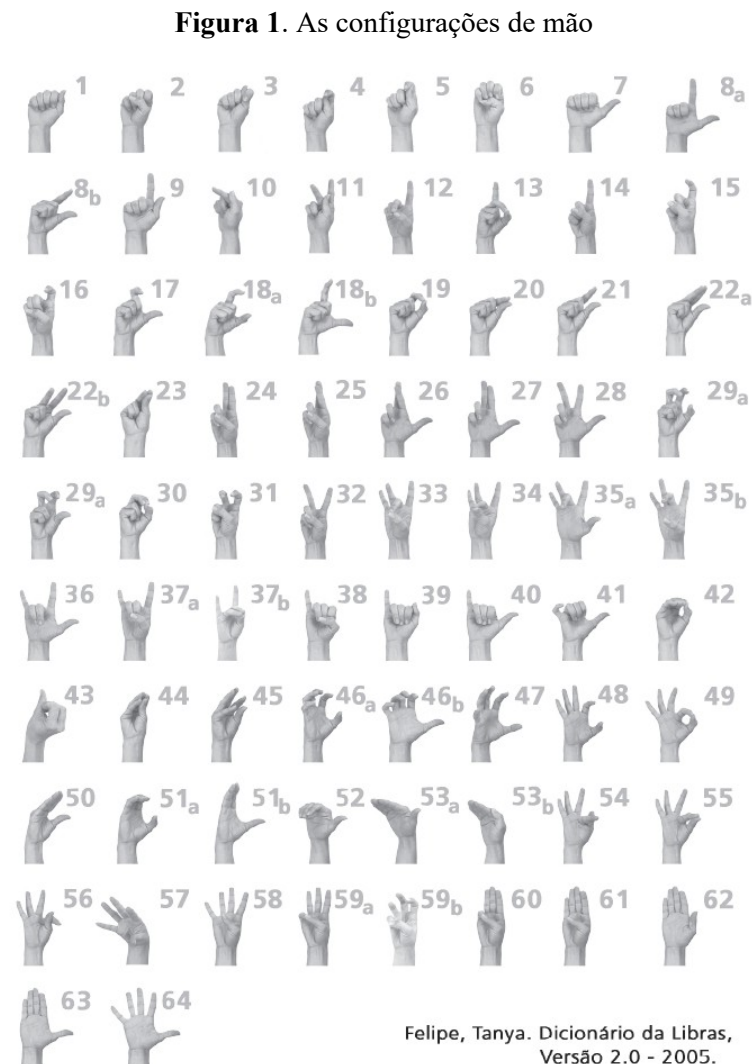
A partir de pesquisas iniciais de diversos linguistas ao redor do mundo, em especial ao trabalho pioneiro de Stokoe como já dito, a inserção da LIBRAS no rol das línguas naturais humanas se dá pelo fato de que esta língua pode ser analisada em diversos níveis de análise linguísticas (fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática) e por qualquer abordagem teórica linguística seja de base formalista seja de base funcionalista.

Stokoe (1960) batizou os elementos constitutivos do sinal de parâmetros. A grosso modo, podemos entender que o sinal é o que chamamos de palavra nas línguas orais. Mas e os parâmetros, o que são?

Os parâmetros em línguas de sinais são cinco: a configuração de mão, o movimento, o ponto de articulação, as expressões não-manuais e a orientação de mão. Cada parâmetro cumpri um função diferenciada na produção do sinal e cada parâmetro tem uma quantidade tipológica catalogada a depende de alguns autores.

O parâmetro da Configuração de mão (CM) é considerado o articulador primário pois é o primeiro elemento a entrar em cena no início da formação do sinal (QUADROS e KARNOPP, 2004).

Quadros e Karnopp (2004) listam, baseadas em Ferreira-Brito e Langevin (1995), 46 configurações de mãos. A configuração de mão é tida como a aparência que a mão adota com ou sem a participação dos dedos conforme a figura abaixo

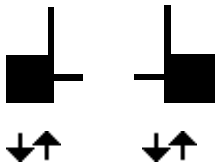


FONTE: <https://www.libras.com.br/>

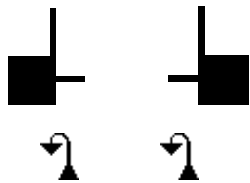
Sobre os Movimentos (Mov), podemos considerar que há uma infinidade deles e que são altamente produtivos em línguas de sinais. No que diz respeito às formas, estas podem ser de diferentes maneiras como direcionais, bidirecionais e multidirecionais. Podem estar associados a eles a tensão, o ritmo, a velocidade e a repetição (QUADROS E KARNOPP, 2004). É um dos parâmetros com alta

taxa de produtividade linguística. No que diz respeito a contribuição linguística, estes podem mudar a classe gramatical dos sinais, como no exemplo abaixo.

### 1. TRABALHAR



### 2. JACINTINHO



O ponto de articulação é o parâmetro que estabelece o local onde é produzido o sinal. Apesar desse tópico, autores como Quadros & Karnopp (2004) e Gesser (2009) colocam que o local marca a localização do sinal que pode ser com contato com o corpo ou sem contato com o corpo (chamado também de espaço neutro). Dessa forma, um sinal pode ser produzido no braço, na cabeça ou na frente do tórax.

É interessante destacar que o ponto de articulação, devido às restrições fonológicas, sempre devem estar no campo de visão do interlocutor. Ou seja, não é possível produzir um sinal nas costas (QUADROS, 2019). Como tal, ponto de articulação a frente do corpo (3) e ponto de articulação no braço (4).

### 3. FELIZ

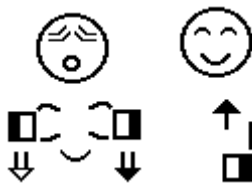


#### 4. SAPO



O próximo parâmetro são as expressões não-manuais. Estas se dividem em expressões faciais e expressões corporais. A primeira corresponde às feições do rosto/face e podem indicar o estado emocional do sinalizante ou contribuir para aspectos linguísticos como a prosódia, a construção de orações, a tipologia frasal (afirmativas, interrogativas e negativas) dentre outras possibilidades bem como As expressões corporais contribuem para a progressão textual, a alternância das pessoas do discurso e a teatralização do evento (QUADROS e PIMENTA, 2006; QUADROS e KARNOPP, 2004) conforme figuras abaixo.

#### 5. ONDE VOCE ESTÁ



#### 6. ALEGRE



Por fim, trataremos do último parâmetro, a orientação da mão (Or). Este parâmetro diz respeito à posição da mão, se vertical, se horizontal, se diagonal. Conforme o posicionamento da mão, o sinal

poderá ter um significado diferente. É interessante colocar que esse parâmetro foi introduzido às línguas de sinais após Stokoe (1960).

É a partir dessas unidades que as línguas de sinais puderam ser descritas e estudadas nas mais diversas abordagens linguísticas e níveis de análises. Sobre esses níveis, veremos como as línguas de sinais se comportam.

A comprovação do *status* linguístico das línguas de sinais por Stokoe (1960) consagrou-o como o pai da linguística das línguas de sinais. Para tanto, ele fez uma análise no nível fonológico e morfológico da língua de sinais americana (ASL) a fim de comprovar as regularidades nas produções dos sinais. Mas que níveis são esses? E que peculiaridades e contrapontos as línguas de sinais apresentam em relação às línguas orais?

Considerado o nível primeiro dentro de uma sequência crescente (fonológico>morfológico>sintático>semântico>pragmático), a fonologia tem por definição o estudo dos “fones segundo a função que eles cumprem numa língua específica, os fones relacionados às diferenças de significado e sua inter-relação significativa para formar sílabas, morfemas e palavras” (MORI, 2012, p. 159). Isto posto, a fonologia irá se deter na função das unidades mínimas dentro do sistema linguístico a se prestarem para a formação de unidades linguísticas maiores.

Considerando o apego tradicional de que a fonologia estudaria apenas os sons, com o advento das línguas de sinais essa concepção não é mais vista uma vez que a fonologia se concentra nas regras abstratas de combinação desses fones sejam eles sonoros ou visuais. Fenlon et al (2017) colocam que a fonologia das línguas de sinais é algo novo e que só teve seu início depois das pesquisas de Stokoe (1960). Antes a fonologia só se detinha as línguas orais.

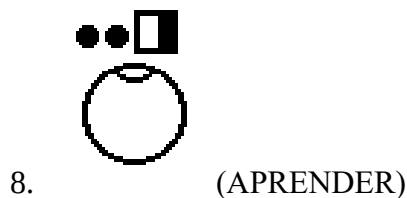
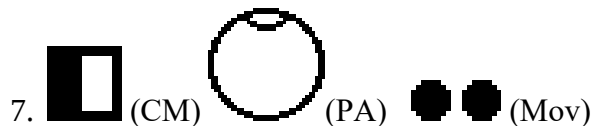
Uma vez direcionada para as línguas de sinais, a fonologia trouxe contribuições importantíssimas para a compreensão e funcionamento das línguas de sinais ao redor do mundo. A partir dos estudos fonológicos, os linguistas puderam fazer um raio-x da estrutura interna dos sinais como as suas possibilidades de produção bem como as suas restrições.

Com o estabelecimento da Fonologia das línguas de sinais, Sandler (2012, p. 162), coloca que

(...) as línguas de sinais têm fonologia. A demonstração de Stokoe (1960) de que os signos da Língua de Sinais Americana são criados a partir de uma lista finita de elementos sem sentido que se combinam e se recombinaem forneceu a prova mais clara de que os signos, como as palavras faladas, são caracterizados pela dualidade de padrões (Hockett 1960), e que os signos não são gestos pictóricos holísticos, como se acreditava anteriormente. Essencialmente, a fonologia é onde o corpo encontra a gramática.

Desta feita, a fonologia se firma, para as línguas de sinais, como a primeira porta para esse universo linguístico de modalidade viso-gestual. É a partir dela que os demais níveis de análise são acessados.

Quadros e Karnopp (2004) colocam que os parâmetros primários para a constituição do sinal são a configuração de mão, o movimento e o ponto de articulação. Isoladamente esses parâmetros não possuem significados. A partir da regra de combinação, esses sinais produzem um signo linguístico válido no sistema de uma determinada língua de sinais como notamos nas ilustrações abaixo.



Quadros e Karnopp (2004) destacam algumas possibilidades fonológicas de realização dos sinais, a saber: sinais em que uma mão está em movimento e a outra parada, sinais em que as duas mãos tem o mesmo padrão (ou seja, a mesma configuração de mão, o mesmo movimento e o mesmo

ponto de articulação e sinais em que temos padrão alternado (ou seja, a mesma configuração de mão, o mesmo ponto de articulação mas com o movimento alternado).

Tais considerações reforçam o consolidado pensamento de que as línguas de sinais são línguas haja vista as regras de realização/produção que as línguas de sinais tem que seguir. Ou seja, assim como as línguas orais, as línguas de sinais tem regras subjacentes que controlam todo o sistema linguístico não sendo suas expressões oriundas do acaso ou do aleatório. A breve explanação no nível de análise fonológica ratifica esse entendimento: as línguas de sinais possuem uma gramática própria, uma estrutura própria, com regras tão complexas quanto as línguas de sinais.

Por serem línguas recentes, com menos de 80 anos de empreendimento de descrição linguística, muitas pessoas desconhecem ou pouco sabem sobre a literatura em língua de sinais. Teriam as línguas de sinais produção literária? É o que veremos no tópico seguinte.

## **2. Literatura**

A literatura está presente em várias culturas e se apresentando de várias formas. As manifestações literárias podem se apresentar na oralidade, na pintura, na escrita, enfim tudo aquilo que nos permite interpretar, dentro de uma concepção maior do que vem a ser literatura.

Definir literatura não é um ofício fácil. Muitos estudiosos ao longo dos tempos tentaram definir aquela que seria a expressão máxima do homem, expressa por Louis de Bonald (s.d). Aqui não discutiremos os conceitos sobre literatura mas elegeremos um conceito que dialogue com a propositura desta pesquisa.

Observa-se que a expressão literária acompanha o homem desde muito tempo nas mais diversificadas civilizações. Desde os mais primitivos registros até os grandes clássicos, a literatura acompanha a evolução do homem registrando suas impressões, seus costumes e seus avanços. E muito para além disso, expressar os outros “eus” do autor. De acordo com Coelho (1994), literatura é transfiguração do real, a realidade recriada através do espírito do artista e transmitida através da língua

para as formas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e uma nova realidade. Assim a literatura capta a realidade moldando-a conforme seu criador. Para muitos, a literatura é a arte das palavras!

Estreitando mais acerca do que é literário, podemos pensar como o escritor José de Nicola (1998, p. 24) para o qual entende literatura como um fazer poético, quando o texto literário exerce uma função poética, “ocorre quando a intenção do emissor está voltada para a própria mensagem, com as palavras carregadas de significado.” E nessa construção há uma união entre forma e significado.

Nesse jogo semântico, emergem as mais variadas formas de expressão que chamamos de gêneros literários. Assim, conforme sua construção, propósito e a quem se dirige, temos os gêneros literários. Aqui não iremos nos debruçar sobre os tipos de gêneros literários nem discutir sua literariedade. A intenção aqui é colocar que essas expressões literárias se apresentam nos mais variados escopos.

Assim, como dito antes, a literatura acompanha o desenvolvimento do homem e, em muitas de suas expressões, cumpre registrar os hábitos e costumes de uma época numa relação com a História. De acordo com Martins e Cainelli (2015, p. 3890)

tanto História quanto Literatura são modos de explicar o presente, inventar o passado, pensar o futuro, e utilizam de estratégias retóricas para colocar em forma de narrativa os fatos sobre os quais se propõem a abordar. Ambas são formas de representar questões que são pertinentes aos homens da época em que são produzidas, possuindo um público destinatário e leitor.

Dessa forma, a literatura cumpri com uma importante contribuição social: salvaguardar as memórias de uma época através de formas linguística específica para tal construção. Se a literatura também desempenha essa função, é possível pensar em uma cultura ou grupo linguístico que não possua sua própria literatura? Estariam as línguas de sinais sem manifestação literária? Sobre esses questionamentos trataremos na seção a seguir.

## 2.1 A literatura surda

A literatura surda assim como o próprio *status* linguístico das línguas de sinais é algo novo. Apesar das línguas de sinais serem vistas como língua a pouco mais de quatro décadas, o primeiro registro literário em uma língua de sinais data da década de 40 como a escritora Doroth Miles (1931-1993).

A forma peculiar de explorar os aspectos visuais através das línguas de sinais é uma característica presente na literatura surda. Para Boldo e Schlemper (2018, p. 81) “a expressão ‘literatura surda’ é utilizada dentro das comunidades surdas para designar as narrativas que apresentam a língua de sinais e a questão da identidade e cultura surda no seu bojo.” Assim, em gêneros literários do tipo conto, poesias, fábulas, romances dentre outros empregam aspectos da experiência visual e não poderia ser diferente haja vista o caráter visual das línguas de sinais.

Salienta-se aqui, colocar que após o reconhecimento linguístico das línguas de sinais por Stokoe (1960), já se tinha produções autênticas em línguas de sinais. Temos assim, os primeiros contatos dos surdos com a literatura.

Uma das produções literárias em línguas de sinais que teve grande repercussão à época foi o poema *Bandeira Brasileira* de Nelson Pimenta e *Three Queens* (Três Rainhas) de Paul Scott. O primeiro produzido e sinalizado em Libras e o segundo composto e interpretado em Língua de Sinais Britânica (BSL). Quadros e Sutton-Spencer (2006) realizam uma análise comparativa de ambos os autores a fim de encontrar aspectos compartilhados entre ambos os poemas.

Na investigação, as autoras observam traços da identidade surda, as identidades nacionais, empoderamento, a experiência visual e a sensorial dentre outros. O alcance e as contribuições da produção literária em língua de sinais repercutem na construção de um patrimônio linguístico em crescimento bem como a valorização de uma língua, vista a princípio, como uma língua vazia.

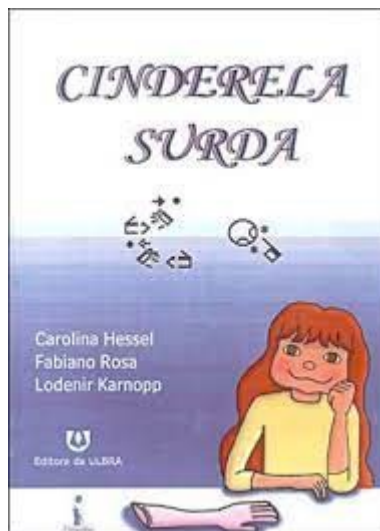
As autoras chegam a conclusão de que “a análise linguística de uso da língua criativa para refletir a identidade do sinalizante demonstra a contribuição que a linguística das línguas de sinais pode trazer para a nossa compreensão da linguística cultural das línguas de sinais” (QUADROS e SUTTON-SPENCER. 2006, P. 156).

Após a iniciativa de Nelson Pimenta e Paul Scott, observa-se um movimento paralelo de levar a literatura à comunidade surda. Entra em destaque as adaptações da literatura do ouvinte para as línguas de sinais.

No Brasil, temos registros de diversos contos adaptados, traduzidos para as línguas de sinais. Destacamos aqui a incrível contribuição do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES) que traduziu vários contos para as línguas de sinais como Chapeuzinho Vermelhos, Os três porquinhos, Rapunzel dentre outros.

Outras iniciativas que trouxeram a literatura para mais próximo da comunidade surda foram os livros dos autores Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa: O Patinho Feio; Fabiano Rosa, Lodenir Karnopp e Carolina Hessel – Cinderela Surda e Rapunzel Surda. Todos esses livros visando uma aproximação maior com o sujeito surdo não só realizaram uma adaptação linguística como cultural também.

**Figura 2: Cinderela surda**



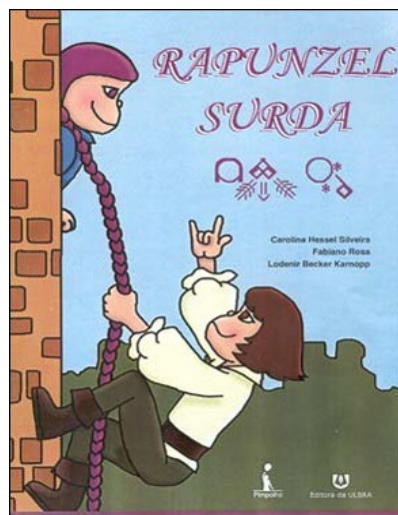
Fonte: <https://escritadesinais.com/010/08/30/cinderela-surda-e-rapunzel-surda/>

Em Cinderela Surda, assim como em seus outros livros, os autores realizaram uma adaptação cultural. No original, a Cinderela torna-se princesa do reino quando prova o sapatinho de cristal e este cabe em seu pé. Em Cinderela Surda, os autores escolheram que o elemento mais adequado à singularidade linguístico-cultural eram as mãos. Assim, a cinderela surda ao invés de provar um sapatinho, prova uma luva. As mãos para as pessoas surdas é um órgão nobre, pois é delas que os surdos sinalizam e se fazem ouvir. Sobre essa adaptação cultural, Timoneda (2012, p. 3) coloca que

Ao passar uma obra (seja de qualquer natureza: técnica, literária, científica) de uma língua para outra, o tradutor está passando não só a informação contida no texto em questão, mas também uma cultura referente a uma nação distinta, uma vez que toda língua é o receptáculo de sua cultura, além das considerações ponderadas pelo autor do texto a ser traduzido.

Assim, a grande maioria dos textos literários da cultura ouvinte, em certa medida, tiveram que ter o aspecto cultural considerado para a tradução do texto para a língua de sinais. Aproximar a língua e a cultura aos leitores do texto de chegada é respeitar a forma que eles veem e compreendem o mundo.

**Figura 3: Rapunzel surda**



Fonte: [//escritadesinais.com/010/08/30/cinderela-surda-e-rapunzel-surda/](http://escritadesinais.com/010/08/30/cinderela-surda-e-rapunzel-surda/)

**Figura 4: Patinho surdo**



Fonte: [://www.amazon.com.br/PATINHO-SURDO-2%C3%82%C2%AA-KARNOPP-ROSA/dp/8575283812](http://www.amazon.com.br/PATINHO-SURDO-2%C3%82%C2%AA-KARNOPP-ROSA/dp/8575283812)

Com a chegada dos primeiros textos literários sinalizados sejam essencialmente em LIBRAS sejam em traduções/adaptações, os textos literários em língua de sinais começaram a ter a atenção dos Estudos Literários. Assim, vários estudiosos iniciaram suas pesquisas a fim de descrever como um texto literário se comporta, se estrutura e se expressa numa língua de modalidade viso-gestual. A busca pela literariedade em línguas de sinais, a procura por padrões de construção, a investigação dos mais variados recursos linguísticos bem como as contribuições desses tipos de texto para a aquisição das línguas de sinais tem sido o empreendimento dos estudiosos da área.

Atualmente, com a expansão dos cursos de Letras Libras e a democratização ao acesso a internet e redes sociais, as produções literárias ganharam força e novos talentos, artistas e poetas surdos foram descobertos. Poemas, poesias, piadas e contos em língua de sinais começaram a surgir e as línguas de sinais começaram a ter maior visibilidade. Nas produções literárias sinalizadas surgiram os textos produzidos e caracterizados como visual vernacular. A seguir, será abordado o visual vernacular e a sua influência na literatura surda.

### **3. Visual Vernacular**

Para iniciar a discussão sobre o visual vernacular, inicialmente apresentaremos uma das características linguísticas presentes nas produções: os classificadores.

#### **3.1 Os classificadores: o primeiro estágio do visual vernacular**

Os classificadores (CLs) em língua de sinais são um recurso linguístico altamente estudado e que ainda desperta bastante interesse dos pesquisadores. Classificadores são recursos linguísticos que o sinalizante lança mão para descrever um lugar, um objeto, uma pessoa dentre outras possibilidades de realização e seu uso é altamente produtivo.

Segundo Allan apud Ferreira-Brito (2010, p. 103) classificadores são “concatenados com um quantificador, demonstrativo ou predicado, para formar um elo que não pode ser interrompido por um nome que ele classifica”. Segundo a autora “os CLs podem funcionar como nome, como adjetivo, como advérbio de modo ou como locativo.” São considerados morfemas e são produzidos pelas mãos e

pelo corpo. Para Pul, Borges e Silva (2018, p. 89), “os CLs são recursos linguísticos que servem para descrever, especificar e também indicar movimentação ou a localização de pessoas, animais e objetos/coisas.”

Isto posto, observa-se que é inevitável para um sinalizante não fazer uso deste recurso linguístico haja vista que sua potencialidade de expressão linguística garantirá sua presença nos diálogos sinalizados.

O fato do classificador representar o lugar, o objeto e as pessoas tal qual os são, faz da natureza do classificador ser icônica. A iconicidade é uma das características das línguas de sinais. Para Klima e Bellugi apud Jeremias (2018) “a iconicidade do signo linguístico é uma motivação e uma convenção entre a forma dos sinais e o que eles representam no mundo.”

Para ilustrarmos essa relação entre forma e significado, observemos o sinal para ferro de passar:

**Figura 5 – Ferro de passar**



Fonte: [trabalhandocomsurdos.blogspot.com/2016/09/objetos-de-casa-em-libras.html](http://trabalhandocomsurdos.blogspot.com/2016/09/objetos-de-casa-em-libras.html), acesso em 18,08,23, às 22:42

Notemos que a iconicidade em LIBRAS permite no ato imediato da sinalização acessar o objeto ao qual ele se refere. Nas línguas de sinais, a iconicidade é altamente produtiva uma vez que as línguas de sinais que são de caráter visual tendem a representar o referente com precisão. É neste sentido, o de representar as pessoas, os lugares e os objetos que os classificadores são de natureza icônica.

Ainda sobre classificadores, Carneiro (2016, p. 122), coloca que

Numa visão tradicional e categórica, os classificadores são sinais polimorfêmicos, estruturas icônicas em que cada aspecto formacional é um morfema classificador,

dentre eles: a configuração de mão, o movimento realizado pela mão, característica do movimento, ponto inicial e final do movimento, orientação da palma, disposição do corpo do sinalizante e a disposição de parte do corpo do sinalizante.

Assim, os classificadores são recursos linguísticos que faz uso dos parâmetros da LIBRAS bem como do corpo do sinalizante ao qual lhe serve para uma performance linguística com inúmeras possibilidades de uso tal qual numa conversa, uma piada, num conto, numa descrição e até numa discussão mais acadêmica.

Nos estudos que tratam dos classificadores ainda há a discussão acerca de sua natureza, de sua incorporação às línguas de sinais, de sua classe gramatical dentre outros. Aqui não iremos discutir esses ou outros aspectos, iremos apenas apresentar esse mecanismo linguístico como que está à disposição do falante.

Como posto anteriormente, o uso dos classificadores além de servir a sinalização propriamente dita como diálogo, narração, descrição, contos, dentre tantos outros usos, é também utilizado como recurso estratégico para o ensino da LIBRAS. Para Regis *et al* (S.D, p. 6) “o classificador permite que o público surdo perceba o que está se falando, situações como atribuir qualidades: pequeno, com bolinhas, alto, duas meninas, dois carros; tudo isso são exemplos de classificadores” e ainda citando Régis et al (2014) “em relação à qualidade comunicativa e constituição do pensamento, as mãos (e todo o esquema corporal) podem executar com perfeição o mesmo papel que o sistema fonador, através das línguas de sinais”.

Sendo assim, pessoas surdas em processo de aquisição/aprendizado da LIBRAS tem uma melhor compreensão linguística quando o professor de LIBRAS faz uso dos classificadores para se fazer entender ou para compreender determinado assunto de sala de aula. Porém, além da sinalização e do ensino, os classificadores são, se é assim melhor chamar, um “arsenal” linguístico quando o seu uso está para a literatura.

Ao observar textos literários em línguas de sinais disponíveis no YouTube com livre acesso, podemos perceber o uso desses classificadores os quais tem como objetivo a visualização dos eventos. Na narrativa em LIBRAS o sapo e a flor, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=hCY8gLYyEI8>, com duração de 5min33seg, o sinalizador faz o classificador de nadar como meio para que o visualizador perceba a ação de nadar do sapo e na sequência utiliza o classificador para flor bem como o classificador para o ato de inflar do papo do sapo, como mostra a figura abaixo.

**Figura 6: nadar**

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Kx3JV2UuXFE>

**Figura 7: Flor**

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Kx3JV2UuXFE>

**Figura 8: respirar**

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Kx3JV2UuXFE>

Como se observa, o classificador tem a função de substituir o sinal do referente e atribuir maior realidade a cena, possibilitando ao visualizador um sentido a cena narrada, uma compreensão maior do fato, sensação de clareza, aspectos estes que o sinal propriamente dito não poderia alcançar.

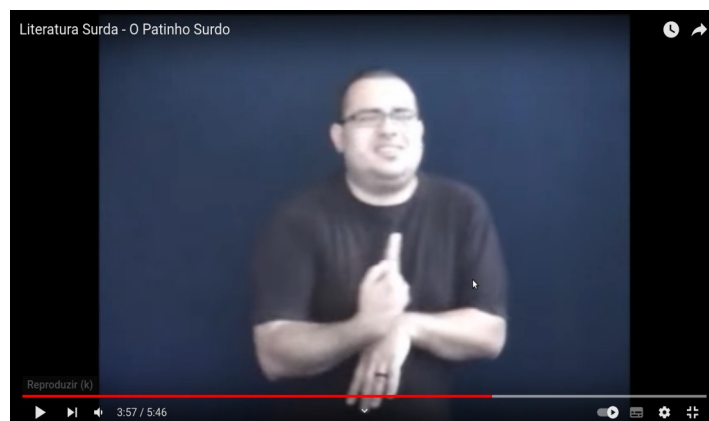
Em outro vídeo, no link <https://www.youtube.com/watch?v=2MxZfgc0u8M>, temos a narrativa do Patinho Surdo, de 5min46seg, uma adaptação do grande clássico O Patinho Feio. Neste vídeo, podemos perceber um uso recorrente dos classificadores. Aqui destacamos o uso de três classificadores, como nas ilustrações abaixo.

**Figura 9: se encontrar**



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2MxZfgc0u8M>

**Figura 10: sozinho**



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2MxZfgc0u8M>

**Figura 11: patinho**

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2MxZfgc0u8M>

Percebemos no conjunto dessas ilustrações, que o classificador reforça visualmente a narrativa contribuindo para um enriquecimento imagético do texto visual. De acordo com Figueiredo (2022, p. 42), a presença de classificadores tornam os textos

mais atraentes, divertidos e visuais. É através dos classificadores que conseguimos visualizar como personagens e objetos se movem e se relacionam dentro da narrativa. A linguagem literária permite que os artistas rompam com as regras e tragam classificadores diferentes dos convencionais, despertando as mais diversas experiências ao público.

Assim, os classificadores contribuem para uma performance artística, para uma compreensão mais lúdica, para um processo de ensino mais eficaz. Os classificadores constituem um universal linguístico disponível para todas as línguas de sinais os quais dão brilho e originalidade as produções literárias.

### **3.2 O visual vernacular**

Todas as línguas naturais e os elementos internos a ela passam por processo de evolução. Sim, as línguas evoluem! E os seus elementos internos que compõem os níveis linguísticos evidenciam essa mudança. O próprio aspecto da variação e da mudança linguística são um exemplo clássico dessa

evolução. Para Linhares (2015, p. 35) “... mudança é definida como processo pelo qual uma língua viva não fica estagnada, mas evolui, acompanhando o evoluir da sociedade que a utiliza para realizar suas práticas sociais.” Para Lopes e Carvalho apud Paixão de Souza (2019, p. 167) “as línguas mudam ao decorrer do tempo, ou seja, uma língua, em qualquer contexto, está suscetível a sofrer mudanças.” Isto posto, estariam os classificadores passivos de mudança?

O visual vernacular (vv) é uma forma mais refinada de apresentar os classificadores. Abrahão apud Dias Júnior e Souza (s.d), “o Visual Visual Vernacular (VV) representa uma nova forma de articulação de sinais relacionada à percepção dos classificadores (ou CL), que compreendemos os tipos de morfemas que representam objetos, pessoas e animais descrevendo-os quanto à forma, ao tamanho e incorporando-lhes ações”.

Rosa e Silva (2022, p. 105) complementa dizendo que

o Visual Vernacular é uma expressão artística diretamente relacionada às identidades e culturas surdas, construído por meio da articulação dos sinais e classificadores (CL) utilizados em performances literárias, compreensível principalmente por surdos, no entanto, devido a sua peculiaridade icônica, torna-se acessível às pessoas ouvintes.

O vv é uma nova forma expressiva de se contar um fato, um evento, uma narrativa a qual se utiliza de mecanismos tecnológicos, do bom desempenho cênico do sinalizante e da competência no uso dos classificadores a fim de se obter uma alta performance no resultado final.

O uso de equipamentos tecnológicos, a arte cênica e a fluência em LIBRAS para o uso dos classificadores se justificam porque o vv requer uma estética de produção alto nível na qual a tomada de cena, o enquadramento e até mesmo as cores que são escolhidas para a execução da narrativa impactam àqueles que assistem tanto na mensagem que queiram transmitir quanto na carga emotiva.

De natureza altamente icônica, o que favorece a compreensão por parte de pessoas não-surdas, o vv vem ganhando cada vez mais espaço nas produções dos surdos artistas bem como o surgimento de novos talentos contribuindo para a diversidade literária em língua de sinais.

Dado ao seu aspecto teatral, o vv tem sido um novo espaço literário de exploração por parte da comunidade surda mundial. Surdos de várias partes do mundo, tem explorado em diversos aspectos os

elementos performáticos como luz, velocidade, ritmo, cores, expressões faciais, expressões corporais, ângulo, zoom dentre outros. Ramos (2020, p. 12), sintetiza a definição quando coloca que o

Visual Vernacular caracteriza-se como um misto de performance teatral, poesia e mímica. Ela pode acontecer em um espaço físico ou ser apresentada na forma de registro em vídeo. Dos dois jeitos, prevê movimentos contínuos e gradações de velocidade, que imprimirão significações e ritmo à narrativa.

Isto posto, concluímos que o visual vernacular revoluciona a forma de fazer as mais variadas produções culturais e literárias em língua de sinais lançando mão dos mais variados recursos linguísticos manuais-corporais ou não. Mas como esses elementos interagem entre si para o resultado final? É o verificaremos no próximo tópico.

#### **4. Caminhos metodológicos**

A modalidade visual das línguas de sinais permite uma exploração dos aspectos estilísticos por parte das pessoas surdas, seja no uso conversacional seja no uso artístico. Em ambos os casos, essa exploração visual que trará experiências visuais nos interlocutores só será possível se o sinalizador tiver uma competência textual muito boa.

##### **4.1 da metodologia**

Para comprovarmos isso, essa pesquisa é de natureza aplicada, de abordagem qualitativa, de investigação explicativa e metodológica. Com relação ao aspecto qualitativo, cerne deste trabalho, Baresi (2003, p. 9) coloca que na abordagem qualitativa

há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Ainda de acordo com Baresi (ibiden)

o direcionamento explicativo tem como principal objetivo tornar algo inteligível, justificar-lhe os motivos. Visa, portanto, esclarecer quais fatores contribuem, de alguma forma, para a ocorrência de determinado fenômeno. Por exemplo: as raízes do sucesso de determinado empreendimento. Pressupõe pesquisa descritiva como base para suas explicações.

Assim, conforme os atributos que esta pesquisa apresenta, estuda aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano. Os objetos de uma pesquisa qualitativa são fenômenos que ocorrem em determinado tempo, local e cultura. Isto posto, o vv se insere nesse quadro pois é feito uma análise descritiva das produções em Libras de forma indutivamente.

## **4.2 da coleta dos dados**

Os dados os quais serão analisados aqui, foram catalogados de uma plataforma digital que dispõe de vídeos de domínio público que apresentem a literatura surda na versão do vv. O YouTube será a plataforma da qual lançaremos mão para a busca dos vídeos.

O YouTube é uma plataforma de vídeos online. Por meio dela, usuários podem assistir, criar e compartilhar vídeos pela internet. Fundada em 2005, a plataforma possui mais de um bilhão de usuários pelo mundo.

A ideia do YouTube é que seus usuários possam não apenas consumir conteúdos na plataforma, mas também produzi-los. Dessa forma, o YouTube é democrático não apenas no consumo, mas também na produção de seus conteúdos, principalmente em comparação à TV. Essa plataforma é acessada através do link [www.youtube.com](http://www.youtube.com).

## **4.3 dos vídeos**

Os vídeos em vv foram escolhidos de forma aleatória a fim de se evitar interferências e caprichos dos pesquisadores. Outro ponto interessante com o intuito de se comprovar o caráter

universal bem como os padrões de execução, escolhemos 3 (três) vídeos em 3 (três) línguas de sinais diferentes e com tempo máximo de 3 min (três minutos).

#### **4.4 dos registros em escrita de sinais**

Caso se faça necessário para fins didáticos de explicação, foi utilizado o sistema de escrita para as línguas de sinais, o *signwriting* (SW). Entendemos que esse sistema de escrita contempla as especificidades das línguas de sinais bem como por ser o sistema mais conhecido da comunidade surda.

### **5. Análise dos dados**

Utilizando-se dos mais variados recursos linguísticos e não-linguísticos, o vv tem contribuído para uma nova forma de fazer literatura. Numa dinâmica harmônica entre esses elementos, percebemos que o sinalizador manuseia com maestria esses elementos de forma a produzir um efeito visual coerente e coeso.

Como forma de atestar a dinamicidade desses elementos, analisaremos três produções visuais em vv produzidos por pessoas surdas de nacionalidades diferentes as quais fazem uso de diferentes línguas de sinais.

Verificaremos, dentre um leque de possibilidades, aspectos inerentes e presentes em todos os vídeos como o sinalizador (expressões faciais e corporais), a velocidade, a mudança de personagem, a cor e o zoom.

#### **5.1 O visual vernacular *Catterpillar***

Catterpillar é um vídeo em visual vernacular muito conhecido pela comunidade surda e por pesquisadores em produções artístico-literárias surdas pelos efeitos visuais manuais e digitais alcançados por seu produtor.

A produção está disponível ao público na plataforma youtube, através do link <https://www.youtube.com/watch?v=MTgGQnxX5Uw>, com 2'04'' (dois minutos e quatro segundos) de duração e produzido e sinalizado por Ian Sanborn.

Ian Sanborn é natural de New Hampshire (EUA). Seus trabalhos são fontes de referências em pesquisas culturais e artísticas em língua de sinais. Coordena o setor de marketing da Deaf Counseling, Advocacy & Referral Agency em San Leandro, Califórnia (EUA). Ele é conhecido por alguns de seus trabalhos como “Caterpillar” e “Tick Tock” que podem ser vistos no YouTube. Caterpillar significa lagarta em português.

### 5.1.1 O sinalizador (expressões faciais e corporais)

Ian Sanborn inicia o vídeo fazendo a datilologia do título do vídeo (c.a.t.e.r.p.i.l.l.a.r). É nesse momento que percebemos não o mais o foco no sinalizante, haja vista a ausência de expressões faciais nem direcionamento do olho, mas sim na lagarta (caterpillar). A todo instante, ele fixa o olhar na câmera. A ausência de expressões faciais e movimento do olhar marcam a neutralidade e o não-diálogo com os telespectadores, como bem fica claro no registro abaixo.

**Figura 12: neutralidade**



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=MTgGQnxX5Uw>

**Figura 13: expressões faciais e o olhar**



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=MTgGQnxX5Uw>

A neutralidade marca o foco para o tema - a lagarta - e não para o sinalizante. Essa manutenção do foco do telespectador para a lagarta e não para o sinalizante só foi possível devido a ausência de expressão facial e movimento dos olhos.

Sobre as expressões faciais gramaticais em línguas de sinais postulamos que estas estão intimamente ligadas a compreensão dos enunciados e se prestam para a construção de frases, diferenciação de itens lexicais, sentenças interrogativas sim-não, interrogativas QU-, orações relativas, topicalização, concordância, foco, referência específica, referência pronominal, partículas negativas, advérbio, grau e aspectos, dentre outros (QUADROS E KARNOPP, 2004). Enquanto que as expressões faciais afetivas estão relacionadas às emoções e aos sentimentos (QUADROS E PIMENTA, 2006). Isto posto, a ausência de uma ou outra expressão facial marca a o foco ou não no sinalizante.

### **5.1.2 a velocidade do movimento**

As línguas de sinais tem ritmo, uma velocidade de sinalização assim como as línguas orais têm a sua velocidade da fala. Assim, a velocidade do movimento, um dos parâmetros da LIBRAS, para além das suas funções gramaticais, causam efeitos estéticos nas expressões em línguas de sinais também.

A velocidade do movimento é altamente explorada nas produções em vv. Isto é o que verificamos em vários momentos em caterpillar como mostrado abaixo.

**Figura 14: movimento acelerado (frames) para o sol**



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=MTgGQnxX5Uw>

**Figura 15: movimento acelerado (frames) para a árvore**



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=MTgGQnxX5Uw>

De acordo com a produtora de vídeos Sagicapri (2023)

a filmagem acelerada é muito utilizada em produções audiovisuais para criar efeitos especiais e dar um ritmo diferente ao vídeo. Essa técnica pode ser usada, por exemplo,

para mostrar a passagem do tempo de forma acelerada, para destacar movimentos rápidos ou para criar uma sensação de dinamismo.

É esse efeito que o sinalizante quer passar para os visualizadores, a sensação de que o tempo passou rápido, que a árvore cresceu e a lagarta chegou para nela se instalar.

### **5.1.3 Mudança de personagem**

Não foram observadas mudanças de personagem. Tem-se apenas a lagarta que num processo de metamorfose se transforma numa borboleta.

### **5.1.4 Zoom**

Efeitos de zoom (edição/sinalização) foram vistos em dois momentos: a representação da lagarta no sinalizador aos 26'' (vinte e seis segundos) e no momento em que o casulo é concluído aos 57'' (cinquenta e sete segundos do vídeo). Bonetti (2008, p. 171) sobre o zoom os quais “produzem efeitos expressivos, estéticos e de reforço de significado, os quais influenciam a leitura da imagem.” Quando o sinalizador incorpora a lagarta, percebemos uma ampliação da personagem de seu tamanho real posto pelo sinalizador para um tamanho maior quando ele sinaliza as patas da lagarta em suas mãos dando a sensação de que é, de fato, a lagarta.

### **5.1.5 Cor**

A narrativa é marcada a maior parte do tempo preto e branco e ao final, na conclusão da metamorfose, o colorido surge do preto e branco. A escolha da dinâmica do preto e branco para o colorido não é por acaso. “A dualidade entre preto e branco e colorido (...), articulando ideias opostas.

(...) apresenta o mundo real indolente e monótono sem cores e colore-se à medida que se aproxima da realidade contraditória e conflituosa. Nesses dois casos, o uso da cor acontece entre fantasia e realidade, em extremos opostos.” (TOURINHO, 2023). Da lagarta para a borboleta. Apenas quando a borboleta rompe o casulo, o colorido se estabelece e um sorriso singelo é feito pelo sinalizante.

**Figura 16: a borboleta**



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=MTgGQnxX5Uw>

**Figura 17: o voo da borboleta**



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=MTgGQnxX5Uw>

No próximo vídeo a ser analisado, perceberemos o mesmo padrão de produção.

## 5.2 Western

Erwan Cifra, é francês da cidade de Nancy, na França. Desde criança foi introduzido a comunidade surda e a língua de sinais francesa (LSF). Desde criança sempre teve paixão pelas artes visuais como filmes, quadrinhos, animações 3D, videogames e mangás.

Erwan é formado em audiovisual e editoração de vídeos. Também tem formação em docência para o ensino da LSF como L2. Devido a sua experiência Erwan ganhou alguns prêmios, tornando-o famoso para o povo surdo, em especial, com suas produções em vv. O vídeo está disponível no link [https://www.youtube.com/shorts/bD7VPCLv\\_iY](https://www.youtube.com/shorts/bD7VPCLv_iY). Western quer dizer “velho oeste” em português.

### 5.2.1 Sinalizador

Erwan adota uma construção mais usual, não recorrendo a aspectos tecnológicos em sua produção. Utilizando-se um cenário comum, ele adota um fundo branco (que dá a entender ser uma parede) e uma blusa preta (para conseguir o contraste necessário para a visualização de suas mãos e face).

Percebe-se no roteiro há 3 (três) personagens: uma *cowboy*, um garçom e uma dama. O sinalizador consegue demonstrar a presença desses personagens a partir de um recurso linguístico muito comum nas línguas de sinais que é a incorporação.

Sobre o processo da incorporação, Silva (2022, p. 9) nos diz que

as possibilidades do corpo do sinalizador em participar da narrativa enquanto está sinalizando permitem que vários personagens e vozes, dependendo do nível de intersubjetividade, fazem com que o participante da narrativa ou como narrador, deixar seu corpo agir simultaneamente para expressá-los, sua face pode expressar pensamentos, sensações de personagens ou de narrador, dependendo apenas de uma mudança de olhar para essa troca.

Assim, em vv é possível ter mais de um partícipe na narrativa a partir do processo da incorporação. Esta por sua vez, é altamente produtiva dispensando do narrador, troca de indumentárias para marcar cada personagem.

### 5.2.2 Mudança de personagem

A mudança de personagem é evidente a partir do momento que o narrador adota a incorporação e com isso há mudanças comportamentais distintas, como percebemos nas ilustrações abaixo.

**Figura 18: o Cowboy**



Fonte: [https://www.youtube.com/shorts/bD7VPCLv\\_iY](https://www.youtube.com/shorts/bD7VPCLv_iY)

**Figura 19: o Garçon**



Fonte: Fonte: [https://www.youtube.com/shorts/bD7VPCLv\\_iY](https://www.youtube.com/shorts/bD7VPCLv_iY)

**Figura 20: a Moça**



Fonte: [https://www.youtube.com/shorts/bD7VPCLv\\_iY](https://www.youtube.com/shorts/bD7VPCLv_iY)

### 5.2.3 Colorido

Não se verificou no vídeo mudanças de cor. O vídeo é produzido em cores.

### 5.2.4 Velocidade

A velocidade em produções visuais busca captar efeitos de sentido, de emoção em quem assiste e é algo bem recorrente em mídias visuais. Em Western conseguimos captar a velocidade em *slow motion*. A importância do slow motion se dá pois o “*slow motion* em uma cena, é a variação dinâmica intencional de ritmo com o objetivo de ressaltar algum elemento narrativo que não seria tão evidente sem a alteração.” (LEME, s.d, p. 4). Notemos as ilustrações abaixo.

Figura 21: o copo (1)



Fonte: [https://www.youtube.com/shorts/bD7VPCLv\\_iY](https://www.youtube.com/shorts/bD7VPCLv_iY)

Figura 22: o Copo (2)



Fonte: [https://www.youtube.com/shorts/bD7VPCLv\\_iY](https://www.youtube.com/shorts/bD7VPCLv_iY)

### 5.2.5 ZOOM

No vídeo foi identificado dois momentos de zoom, que é quando o sinalizante abre a porta do *saloon* e quando traz para destaque o copo de cerveja, tomando o primeiro plano da tela.

**Figura 23: Copo**



Fonte: [https://www.youtube.com/shorts/bD7VPCLv\\_iY](https://www.youtube.com/shorts/bD7VPCLv_iY)

### 5.3 Veado e a Onça

Para finalizar nossa análise, trazemos mais uma narrativa em vv O veado e a Onça. A narrativa é produzida por Gustavo Gusmão Ferreira, artista surdo, brasileiro, usuário da Libras e que tem vários vídeos em vv publicados em sua página no youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=r5vuNWZvytY>).

### 5.3.1 O sinalizador

De forma bem proficiente, utiliza-se do processo e incorporação para produzir seus vídeos em vv. Como bem coloca Pereira (2021) *apud* Carneiro (2016) e Carneiro e Oliveira (2017), a incorporação de personagem e

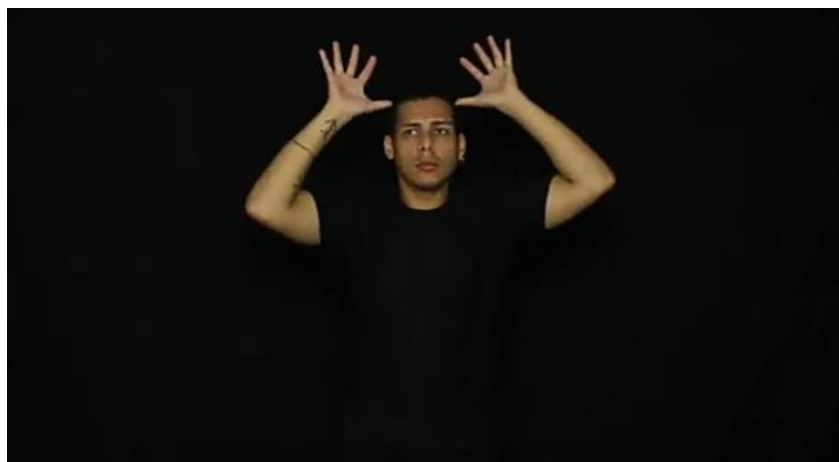
a disposição do corpo do sinalizante pode dar detalhes sobre as características dos referentes, ou dos personagens em uma narrativa. Isso pode acontecer apenas pela disposição corporal e facial do sinalizador. Quando o sinalizante incorpora um referente, ele passa a representar a ação e um dos participantes da ação. Todas as expressões faciais feitas pelo sinalizante fazem parte das expressões feitas pelo referente. Tudo isso é importante para a construção de significado.

Assim, o fazer incorporar é um processo de suma importância para as línguas de sinais pois torna o texto bem mais inteligível bem como evita possíveis ambiguidades textuais.

### 5.3.2 Mudança de personagem

Como o próprio título já induz, há mudanças de personagens conforme o artifício linguístico posto acima.

**Figura 24: o veado**



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=r5vuNWZvytY>

**Figura 25: a onça**



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=r5vuNWZvvtY>

### **5.3.3 Colorido**

O vídeo é produzido em cores das quais se sobressai a cor natural do sinalizador e a cor de produção preta (a blusa e o fundo).

### **5.3.4 Velocidade**

Não houve a utilização de alteração na velocidade do vídeo. A alteração da velocidade percebida é inerente aos personagens: o veado e a onça.

### **5.3.5 ZOOM**

No vídeo percebemos a utilização de *zoom* reduzido ou *zoom out* que é quando há um distanciamento de plano. O sinalizante utiliza de forma altamente criativa quando em certo momento

da sinalização, ele reduz os participantes ao classificador de animais. Nesse momento, o sinalizante não só faz uso da redução, como altera o enquadramento para o plano perfil, isto é, quando ele vira o tronco para a esquerda a fim de tornar clara a cena, o evento da caça.

**Figura 26: Redução do zoom com mudança de enquadramento**



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=r5vuNWZvytY>

Como se observa, o sinalizante faz uso de estratégias de sinalização a fim de o texto /narrativa se torna mais fluida, compreensível e acessível pois narrativas que exploram o vv tendem a ser acessíveis a não falantes da libras.

## **6. Considerações finais**

Como visto, o visual vernacular é uma nova forma poderosa de se produzir os mais variados contextos artísticos-literários com diálogos pouco estruturados haja vista uma exploração maior no uso dos classificadores.

Com o visual vernacular o sinalizante pode explorar ao máximo as possibilidades de produção em língua de sinais jamais vista antes, lançando mão de efeitos especiais alinhando elementos cinematográficos ao vv.

Como se viu, a construção de narrativas em vv não é aleatória, mas segue um padrão de construção na qual são utilizados elementos em comum independente de que língua de sinais esta narrativa está sendo executada. Elementos como velocidade, cor, zoom, enquadramento, direcionamento podem ser utilizados como elementos constituintes da produção e devem ser empregados de forma a valorizar o texto, enriquecendo-o em detalhes.

Ainda há mais padrões para serem levantados bem como acompanhar a evolução dessa forma de produção que encanta pela sincronia da articulação dos sinais na qual o sinalizador, o texto e os elementos de produção se tornam um só.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAHÃO, Bruno Ferreira. Literatura surda em performance: considerações em arte visual vernacular. [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017\\_1522245161.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522245161.pdf), acesso em 05 de set 23 às 21h

BARESI, Eduardo. Metodologia da Pesquisa. UCB, 2003

CARNEIRO, Bruno. Corpo e Classificadores nas línguas de sinais. Revista sinalizar. 10.5216/rs.v1i2.36863. 2016/12/18

COELHO, Nelly Novaes. Literatura e linguagem. Petrópolis: Vozes, 1994

BOLDO, Jaqueline; SCHLEMPER, Michele Duarte da Silva. Literatura Surda: uma questão de cultura e identidade. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.79-92, 2018

BONETTI, Marcelo Carvalho. A linguagem de vídeos e a natureza da aprendizagem. Bonetti, Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Instituto de Física – Depto. de Física Experimental, 2008

FERREIRA BRITO, Lucinda. Por uma gramática de Língua de Sinais. - [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. 273p.

FENLON, J., CORMIER, K., & BRENTARI, D. (in press). The phonology of sign languages. In S. J. Hannahs & A. Bosch (Eds.), The Routledge Handbook of Phonological Theory: Routledge.

GESSE, Audrey. Libras? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno de língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

JEREMIAS, Daiana do Amaral. Iconicidade em sentenças transitivas na libras: uma motivação formal e conceptual. PERcursos Linguísticos • Vitória (ES) •v. 8 •n. 18 • 2018 • ISSN: 2236-2592

REGIS, Daniella Renally Bezerra; MORAIS, Erivágna Rodrigues de; SILVA, Renata Lima Machado da; LOURENÇO, Nehemias Nasaré. O uso dos classificadores da libras no ensino das ciências biológicas.[www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2014/Modalidade\\_1datahora\\_06\\_11\\_2014\\_18\\_17\\_13\\_idinscrito\\_1756\\_b48c34f6d3c8350f43f7036267def9d6.pdf](http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2014/Modalidade_1datahora_06_11_2014_18_17_13_idinscrito_1756_b48c34f6d3c8350f43f7036267def9d6.pdf), acesso em 15 de set 23 às 20h

QUADROS, Ronice Muller de; SUTTON\_SPENCER, Rachel. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. IN: QUADROS< Ronice Muller de (Org). Estudos Surdos I. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004

QUADROS, Ronice Muller de. Libras. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019

QUADROS, Ronice Muller de; PIMENTA, Nelson. Curso de Libras 1 . Rio de Janeiro : LSB Vídeo, 2006.

LEME, Gerson Rios. Concepções sonoras criativas para audiovisual: aprendendo a escutar para saber o que ouvir. [https://orson.ufpel.edu.br/content/10/artigos/primeiro\\_olhar/04\\_gerson.pdf](https://orson.ufpel.edu.br/content/10/artigos/primeiro_olhar/04_gerson.pdf), acesso em 06 de set de 23, às 22h

LOPES, Eloísa Maiane Barbosa, CARVALHO, Danniell da Silva. Mudança linguística e gramática gerativa: uma perspectiva de aquisição da linguagem. <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/>.ISSN 2359-6910

MARTINS, Giovana Maria Carvalho; CAINELLI. Marlene Rosa. O Uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história.VII Congresso Internacional de História. Anais. ISSN 2475-4446

MARTINS. Jéssica Millena Figueiredo. Narrativas da literatura surda brasileira: estudo e análise de gêneros literários sinalizados disponibilizados no youtube entre os anos de 2007 e 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Campina Grande. 124 f. 2022

NICOLA, José de. Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 1998.

PEREIRA, Roney Vinícius Leite. Características de pessoas através da incorporação do referente na língua brasileira de sinais. Artigo de graduação UFT. Porto nacional, 2021

PUHL, Jessica; BORGES, Elaine Ferreira do Vale; SILVA, Rubia Carla da. Abordagem ecológica e emergência de classificadores na Libras. *Calidoscópio*. Vol. 16, n. 1, p. 87-102, jan/abr 2018. Unisinos - doi: 10.4013/cld.2018.161.08

RAMOS, Danielle Cristina Mendes Pereira. O corpo como corpus: lugares do ensino de literatura para estudantes surdos. *Rev. Exitus* vol.10 Santarém 2020 Epub 28-Mar-2022

RAMOS, D. C. M. P.; ABRAHÃO, B. Literatura surda e contemporaneidade: contribuições para o estudo da visual vernacular. *Pensares em Revista*, São Gonçalo-RJ, n. 12, p. 56-75, 2018. DOI: 10.12957/pr.2018.34059. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/34059>. Acesso em: 29 maio 2020.

ROSA, Daiane Soares; SILVA, Arlene Batista da. Literatura surda e mídias sociais: uma análise da poesia e da arte Visual Vernacular de Fábio de Sá. *Revista de estudos, cultura e alteridade Igarapé*. ISSN 2238-7587

SANDLER, Wendy. The phonological organization of sign languages. *Lang Linguist Compass*. 2012 Mar 1; 6(3): 162–182.

SAGARI. Como chama uma filmagem acelerada. <https://www.sagicapriprodutora.com.br/blog/como-chama-filmagem-acelerada>, acesso em 05 de set 23 às 20:30h

SILVA, Fernando Neves da. Incorporação de personagens em Libras: exemplificação de uso em narrativa sinalizada. Universidade Federal do Paraná, 2022.

TIMONEDA, Angela Reis. Tradução: uma abordagem teórica. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*. Ano 5 - Edição 2 – Dezembro de 2011-Fevereiro de 2012

TOURINHO, Helena. Como as cores influenciam as narrativas e espaços do cinema. 03 Set 2023. ArchDaily. Brasil. Acessado 5 Set 2023. <<https://www.archdaily.com.br/br/1005336/como-as-cores-influenciam-as-narrativas-e-espacos-do-cinema>> ISSN 0719-8906